

**A AMÉRICA ERRADA:
Notas sobre a democracia e a modernidade
na América Latina em crise**

1990

Cadernos CEDEC n° 14 Francisco C. Weffort

A AMERICA ERRADA

(Notas sobre a Democracia e a Modernidade
na America Latina em Crise)1

Francisco C. Weffort

"A America e' ingovernavel."

Simon Bolivar

"De um lado, tiveram acesso à vida forças industriais e científicas que nenhuma época anterior, na história da humanidade, chegara a suspeitar. De outro, estamos diante de sintomas de decadência que ultrapassam em muito os horrores dos últimos tempos do Império Romano. Em nossos dias, tudo parece estar impregnado do seu contrario".

Marx

Este fim de século registra uma das épocas de maior crescimento democrático e também de maior crise econômica social, na história dos países da América Latina. Eleições presidenciais recentes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, México, Paraguai e Uruguai - eis alguns exemplos da retomada da democracia na região. Também estão previstas eleições para este ano de 1990, na

1-O autor é Professor de Ciência Política da Universidade de São Paulo e Diretor do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC).

Este ensaio é uma versão, modificada e ampliada, da contribuição do autor ao livro coletivo em homenagem aos 25 anos do Instituto de Estudos Peruanos (IEP).

Os conhecedores do ensaísmo político brasileiro reconhecerão a inspiração do título deste trabalho em Martins de Almeida, Brazil Errado: Ensaio Político sobre os Erros do Brazil como País, editado em 1932 no Rio de Janeiro por Schmidt Editores.

Colômbia, Peru e Nicarágua. É certo que permanece um horizonte sombrio na América Central, com as agressões dos "contra" na Nicarágua e a guerra civil de El Salvador que já completa dez anos e que continua, infelizmente. Mas, na maior parte dos países que a compõem, a América Latina se liga, na época atual, a um processo de democratização que ocorre em escala internacional e que inclui partes da Ásia, o Sul da Europa e a maioria dos países do campo socialista.

A entrada da América Latina no circuito internacional da democratização, na década dos 80, poderia ser tomado como um indicio de que estaríamos preparados, nos anos 90 que se iniciam, para atravessar os umbrais da modernidade?

1 - UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

No Brasil de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, chamavam-se "cidades mortas", as cidades abandonadas pela cultura do café no vale do Rio Paraíba, que liga os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Eram cidades que ficaram para trás depois que a predatória e itinerante agricultura do café esgotou por completo as terras da região e tomou a direção do oeste. Eram vítimas da modernidade do século XIX, sinais de destruição que a economia agro-exportadora deixava naquela pequena parte do mundo. Junto com o café - que, no Brasil, havia quem chamasse de "a planta democrática", pois se atribuía ao desenvolvimento da cafeicultura a criação das condições para a queda do Império e para a implantação da República - vinha o crescimento urbano. Mas depois que o café mudava de região, dentre as cidades que ele havia criado e que não conseguiam outro estímulo econômico, algumas simplesmente estancavam. Depois de algum tempo eram abandonadas e morriam.

Não deveria ser difícil de se entender porque os latinoamericanos sempre foram ambíguos em relação à modernidade e à democracia. Conhecemos, nestes anos 80 recém terminados, países que se estancaram. Pode-se admitir a possibilidade de que países

morreram? Talvez se considere um absurdo a simples pergunta. Mas não conhecemos casos de civilizações inteiras que desapareceram? As relações entre democracia e modernidade nunca foram bastante claras na história da América Latina e tornaram-se particularmente confusas nas últimas décadas. Muitos latinoamericanos estão temerosos em face do "admirável mundo novo" que se anuncia neste fim de século. Eles pressentem que é a sua própria identidade que está em causa. E, na verdade, talvez seja mais do que isso.

A modernização acelerada que assistimos no mundo de hoje - alias, tão mais acelerada quanto mais modernos os países - oferece muitas razões para entusiasmo. Mas os que insistem em dizer como será' pequeno o mundo depois de unificado pelo avanço da "revolução tecnológica", talvez não estejam tomando na devida conta que este é um processo em aberto e que cobra um alto preço dos retardatários. No ritmo em que vão as coisas, a modernização acelerada (e esse fenômeno vai muito além da "revolução tecnológica") pode ter efeitos surpreendentes. Se os latinoamericanos não estiverem preparados para o que vem por aí', poderão ver transformadas em sucata não apenas muitas de suas máquinas e indústrias mas também algumas de suas cidades, possivelmente regiões e até mesmo países inteiros.

Parece claro, pelo menos nessa passagem dos anos 80 para os 90, que a modernização e a democratização não andam no mesmo compasso. Caminhamos para a democracia - é isso o que acreditamos ler nos fatos políticos dos anos 80. E esperamos que o caminho democrático permaneça aberto nos anos 90, afirmando um dos lados da contemporaneidade da América Latina, ou seja da capacidade dos latinoamericanos de ligarem-se, de modo afirmativo, com as tendências políticas predominantes no mundo moderno. Mas também é verdade que, ao mesmo tempo, a modernização se estancou nos planos social e econômico. Pior do que isso, a América Latina se afundou nos anos 80, em uma crise econômica e social que afeta, em alguns casos, a própria possibilidade de sobrevivência das sociedades nacionais.

Quem olha para o Cone Sul, onde se encontram alguns dos países mais modernos da região, pode ser tentado a pensar que as relações da América Latina com a modernidade, mais do que difíceis têm sido muito frustrantes. O visível empobrecimento do Uruguai - o "pequeno país modelo", na expressão de Jorge Batlle em inícios deste século, e que é também, ainda hoje, um dos poucos países latinoamericanos com uma verdadeira cultura democrática - pode ser tido como um emblema do complexo processo que vivemos nos últimos decênios. O Presidente Sanguinetti, como os demais governos de transição, termina seu período e não se revela capaz de fazer seu sucessor. Na Argentina, o fracasso do governo Alfonsín nas suas tentativas de retomada do crescimento econômico deixa o país diante do terror da hiperinflação. E o prolongado desgaste a que se acha submetida a transição democrática no Brasil desde 1982, em especial desde 1985, quando se instala o governo Sarney, causa enorme preocupação entre os que se empenham pela democracia e pelo desenvolvimento do país e da região.

É muito cedo para considerações sobre os novos governos, democraticamente eleitos, de Carlos Menem, Luis Alberto Lacalle e Fernando Collor de Melo. Não deixa, porém, de ser significativo que todos comecem sob o signo da recessão econômica. E, sobretudo, de um grande desencanto político. No extremo Norte da América Latina, se inaugurou, no México, recentemente, o governo de Salinas de Gortari, cujo signo é bastante semelhante. Quem olha para o conjunto da América Latina não está autorizado a grandes otimismo. No Peru, o governo de Alan Garcia, que ao se iniciar, parecia pretender renovar as perspectivas de seu país e da América Latina, termina sob pesado desgaste. A única exceção a permitir otimismo, pelo menos neste momento, é o Chile, onde, finalmente, termina, com a eleição de Patricio Allwyn liderando uma frente de 16 partidos democráticos, a era autoritária de Pinochet. Quanto aos demais, o clima é pelo menos de apreensão. Quem tenha dúvidas sobre isso faria bem se lembrar dos trágicos incidentes de Caracas logo depois da inauguração do governo social-democrata de Andrés Pérez.

Existem imagens recentes demasiado fortes para serem esquecidas. Eis como o cientista político argentino Guillermo O'Donnell descreve um momento da vida do seu país, no último ano do governo Alfonsín: "a crise, para além de suas dimensões económicas, políticas e sociais, afeta o próprio Estado em alguns de seus aspectos mais constitutivos. Durante vários dias a Argentina foi um país sem moeda (...). Um Estado sem moeda foi complementado por um Estado sem capacidade de coerção. Para conter os saques foram chamadas as polícias provinciais. Alguns de seus membros deram vazão a suas inclinações assassinas, atirando para matar contra os saqueadores; outros, não menos miseráveis que esses, assistiram passivamente seus vizinhos trazer comida para casa. Outros habitantes de bairros populares, aterrorizados com a possibilidade - que de fato ocorreu - de verem suas próprias casas saqueadas, se armaram e formaram sua própria "polícia". Quanto às Forças Armadas, "fizeram saber que não iriam obedecer às ordens para intervir", a menos que o governo aceitasse determinadas condições.²

O'Donnell está falando, em inícios de junho de 1989, de um processo de violência que durou algumas semanas. Mas, como ele bem o sabe, poderia estar falando de toda uma época histórica. E não apenas sobre um país mas sobre todo o continente. Estaria a democracia condenada, na América Latina, para nossa desgraça, a ter como companheira não a modernidade mas a decadência? Ameaçada pela hiperinflação e pela recessão, estaria a democracia condenada a ser aqui não o espaço das garantias institucionais da dignidade humana mas o caminho do caos?

Os economistas latinoamericanos falam da década de 80 como a "década perdida". Como já se disse, esta expressão contém um tanto de exagero e outro tanto de imprecisão. Mas ninguém duvida que os latinoamericanos terminam a década com um pesado sentimento de perda, alias um sentimento que não se limita, como veremos, a questões económicas. Os números, em todo caso, são

²-O'Donnell, Guillermo, "Argentina, de novo", Revista Novos Estudos, nº 24, julho de 1989, São Paulo, Brasil.

impressionantes. "Ao final de 1989", diz o economista Gert Rosenthal, Secretario Executivo da CEPAL, "o produto medio por habitante na região sera' inferior em quase 10% ao de 1980, e equivalente ao de 1976".³ Na maior parte dos paises, agravam-se os velhos problemas do subemprego, marginalidade social, desemprego, queda dos salarios, deterioração da qualidade de vida, destruição do meio ambiente, etc. "Estima-se, muito a grossomodo, que em 1980 uns 112 milhões de latinoamericanos e de caribenhos (36% do total) viviam abaixo do nivel da pobreza; essa cifra se elevou a 160 milhões em 1985 (38% da população total)".⁴ O Brasil, com alguns poucos anos de relativo crescimento industrial, sustenta algumas ressalvas em um quadro generalizado de decadencia da America Latina. Pena que o pais seja conhecido como caso extremo de desigualdade social, alias desigualdade crescente no ultimo decenio.

Na região como um todo, os velhos problemas se misturam com problemas novos, alguns dos quais ainda mais graves do que os antigos. Digamos, desde logo, que dentre os problemas novos, o mais suave e' o da emigração: estariamos destinados a cumprir a maldição lançada por Bolivar em momento de desespero? "Os que serviram à revolução araram no mar. A unica coisa que se pode fazer na America e' emigrar".⁵ O mais escandaloso dos problemas novos e' o do narcotrafico que atinge, sobretudo, a paises andinos como a Colombia, o Peru e a Bolivia. Mas que não se esqueça que na rota do trafico de drogas ficou envolvido tambem o Panama', por artes do General Noriega, ex-Presidente, ex-ditador e ex-agente do governo dos Estados Unidos, mais precisamente da CIA, e que, agora, responde perante tribunal americano acusações que o qualificam como um criminoso comum.

3-Rosenthal, Gert, "El desarrollo de America Latina y el Caribe en los años ochenta y sus perspectivas", Revista de la CEPAL, nº 39, Santiago, diciembre de 1989.

4-Rosenthal, op. cit.

5-As referencias a Bolivar são tomadas de Moacir Werneck de Castro, O Libertador - A Vida de Simon Bolivar, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1988, pag. 213.

Este quadro de crise economica e social contrasta com a democratização da região. Junta-se à democratização institucional, importante mudança na cultura politica. O pensamento latinoamericano afirma - em recente vitoria contra o determinismo, de origem economica ou outra - a politica como campo de liberdade. Ao contrario de uma epoca na qual se pensava - na America Latina como, de resto, em todo o Ocidente - que a liberdade politica viria como reflexo do desenvolvimento economico, as lutas de resistencia contra as ditaduras e os recentes esforços de construção institucional na America Latina, mostraram que se pode avançar para a democracia mesmo em um periodo de crise economica. Dirão os pessimistas renitentes que essa afirmação de autonomia da politica e', em si mesma, um efeito da crise e um sinal de sua profundidade. Não seria proprio das situações de caos a ruptura de todo e qualquer determinismo e a crença de que, na diluição geral da ordem, tudo e' possivel? Na verdade, e' mais do que isso: em muitos paises latinoamericanos se registram fortes tendencias de opinião a conceber a democracia como um valor em si. Isso quer dizer que, diante da ameaça da inviabilidade nacional, muitos latinoamericanos tendem a ver na democracia não apenas um caminho para organizar o Estado mas para organizar a propria sociedade.⁶ Enfrentando a possibilidade da desintegração nacional, a força da democracia, para os paises da America Latina, e' a força da esperança. E' um dos caminhos para que estes paises readquiram seu senso de viabilidade.

⁶-A proposito, uma boa parte dos paises latinoamericanos ja' foi considerada, ha' mais tempo, no rol dos "paises inviaveis". A expressão, de evidente sentido polemico, e' de Helio Jaguaribe, Desenvolvimento e Desenvolvimento Politico, que a retoma em ensaio recente. Jaguaribe classifica os paises latinoamericanos, quanto à viabilidade, em tres categorias: "os dotados de relativa viabilidade individual - neste caso encontraremos apenas Mexico, Argentina e Brasil; os dotados de viabilidade coletiva - grupo andino, Paraguai e Uruguai; e os de baixa ou quase nula viabilidade - America Central, Caribe e Cuba." Jaguaribe, Helio, "A America Latina no Sistema Internacional", no livro coletivo A Crise da Ordem Mundial, organizado por Henrique Rattner, Editora Simbolo, São Paulo, 1978, pag. 99.

E' preciso reconhecer, em todo caso, que as afirmações da autonomia da politica e a da democracia como valor em si, por importantes que sejam, não são o bastante. Seria possível acreditar que a democracia continue crescendo quando as economias, aparentemente, se desfazem e as sociedades se desmoronam? Como imaginar que uma democracia se firme em países que vivem uma crise economica e social de tamanha profundidade? Por mais auspicioso que seja o progresso da cultura politica democratica, sabemos que a consolidação da democracia dependera' tambem da sua eficacia para resolver problemas economicos e sociais. Alem disso, quem admite que a consolidação da democracia esta' por vir deve admitir tambem a fragilidade das conquistas democraticas ate' aqui realizadas e, portanto, a possibilidade de crises e, eventualmente, de regressões. E, afinal, quem tem um mínimo de informação sobre a historia da America Latina, sabe que aqui a democracia não foi jamais concebida como o unico caminho para a construção das sociedades e dos Estados. E sabe tambem que as lutas democraticas dos ultimos decenios, por mais fundamentais que tenham sido, dificilmente terão exorcizado todos os nossos velhos demonios autoritarios.⁷

Democracia, construção nacional, integração e modernidade - tudo isso tem que ser visto em conjunto, desde a partida. Se a consolidação da democracia na America Latina depende da capacidade dos países latinoamericanos reconquistarem o seu senso de viabilidade nacional, este, por sua vez, depende de sua capacidade de retomar o desenvolvimento economico. E, para a maior parte, senão para todos os países latinoamericanos, a retomada do

⁷-Este ensaio ja' estava pronto quando li As Americas em 1989: Um Consenso para a Ação, Relatório do Dialogo Interamericano (Inter-American Dialogue), publicado pelo Aspen Institute, 1989, onde se faz uma advertencia muito definida: "A crise economica da decada de 80 podera' desencadear uma crise politica na decada de 90. A adversidade economica ja' esta' corroendo as bases de governos democraticos em diversos países. As instituições publicas se encontram desacreditadas e enfraquecidas. (...) Em cada país, a esperança infundida por novos lideres transformou-se em frustração à medida que a austeridade tornou-se um fato permanente". Cf. pag. 1.

desenvolvimento depende da sua integração, em âmbito regional. E esta há de ser condição para que enfrentem com êxito o grande problema da definição de um novo padrão de inserção na economia internacional.⁸ Eis os desafios que se colocam, uma vez mais, para os latinoamericanos. Juntos, eles se apresentam para a América Latina como uma questão de sobrevivência. E a obrigam a reconquistar a sua capacidade de construir uma imagem do seu próprio futuro, a reconquistar a sua capacidade de formular projetos. Eu gostaria de fazer deste ensaio uma contribuição para este debate.

2 - PERDA DO FUTURO

Os desafios que nos surpreendem na América Latina de hoje são, no essencial, os mesmos que a acompanham desde as origens. É por isso que eles colocam em questão a sua identidade (e, portanto, o seu senso de sobrevivência). Mas diríamos, por isso, que a crise que os países latinoamericanos vivem hoje é a mesma de sempre? Uma crise como tantas outras de países que ainda não completaram seu processo de formação?

Em um dos ensaios recentes mais interessantes sobre as raízes da cultura da América Latina, Richard Morse afirma que, em mais de uma oportunidade, os intelectuais latinoamericanos acreditaram estar diante de uma história marcada pela entropia. Tomemos um exemplo do que ele pretende dizer: embora a ciência contemporânea diga que "os escritores ibero-americanos do fim da época colonial eram testemunhas da progressiva articulação de suas futuras nações no sistema econômico mundial (...) para eles era mais evidente (...) um processo de desarticulação: o colapso do ideal ibérico da "incorporação social" e a dicotomização da

⁸-Existem neste sentido algumas manifestações de intenção, e mesmo algumas iniciativas concretas, dos governos de Alfonsín e de Sarney, que deverão ser retomadas mais adiante, neste ensaio.

sociedade ou "gente do bom senso" e uma plebe cada vez mais enfurecida e inassimilável".9

Morse faz uma indagação histórica sobre o nosso passado mais recente, sem qualquer preocupação prática imediata. Mas os termos nos quais ele coloca a originalidade cultural da "Ibero-América" não parecem inteiramente pertinentes ao debate, de caráter muito mais político e prático, que pretendo desenvolver aqui. O sonho da Ibero-América era a unidade, a incorporação, a integração; a realidade era a divisão, a exclusão, a marginalidade. "Um continente com uma população de vinte milhões no final do período colonial; - onde quatro entre cinco pessoas eram escravos, trabalhadores dependentes, agricultores e pastores a nível de subsistência ou ocupantes de precárias posições intersticiais, frequentemente sem falar a linguagem dos conquistadores -, era um cenário propício para a realização dos grandiosos planos europeus de integração participativa, qualquer que fosse sua origem ou época".10

Nas entrelinhas do seu Espelho de Próspero, avaliação simpática e profunda da cultura latinoamericana, Morse sugere que seria próprio dos latinoamericanos o sentimento de alguma grande catástrofe fazendo-se anunciar na virada da próxima esquina. Ele fala de "duas versões da história ocidental", a primeira "evolutiva e faustica", a segunda "mais entropica que evolutiva". Diante da história da América Latina, como não haveriam de espantar-se os que, como muitos intelectuais (não só da América Latina mas de todo o Ocidente), aprendemos a ver a história humana "como um permanente crecendo"? 11 Sua sugestão parece ser a seguinte: mais do que um sentimento da realidade, a antevisão da proximidade da catástrofe seria a expressão de uma perplexidade do espírito que se surpreende no momento em que a história, ao invocar

9-Morse, Richard M., O Espelho de Próspero, Companhia das Letras, 1988, São Paulo, pag. 77.

10-Morse, op. cit., pag. 76.

11-Morse, op. cit., pags. 26 e 28.

de se "desenvolver", se "abre" em um aparente vazio que, contudo, anunciaria novas possibilidades futuras.

Eu leio nas reflexões de Morse uma chamada de atenção para as peculiaridades da história na América Latina. E creio que, como tal, elas devem ficar. Não estaremos hoje, imitando, sem o desejar e mesmo sem o saber, os intelectuais do fim do período colonial ao vermos uma abertura para o caos onde deveríamos ver uma abertura de possibilidades para um novo relacionamento com a modernidade? Registrada a advertência, fica, porém, a pergunta: se podemos admitir que a crise atual repõe questões que estão nas origens de nossa formação histórica, porque ela nos parece tão particularmente ameaçadora? Ou seja, reconhecendo as peculiaridades da história da Ibero-América, pergunto: quais as peculiaridades desta crise, deste momento da história?

Isso que nos surpreende na crise da América Latina de hoje não deveria ser tomado apenas como a reafirmação de sua condição de origem? O choque entre a civilização e a barbárie, o dilaceramento entre os integrados e os marginalizados, o rendilhado das formas institucionais europeias contra o pano de fundo da violência e da desordem - de que estamos falando senão dos temas de Domingo Sarmiento (Civilización y Barbarie) e de Euclides da Cunha (Os Sertões) ou de Oliveira Vianna (Populações Meridionais do Brasil), para mencionar apenas alguns clássicos do pensamento latinoamericano? A América Latina não foi sempre isso que Alain Touraine sintetiza no belo título do seu último livro, a palavra (da civilização, da política, da integração), e o sangue (da marginalidade, da violência, da exclusão)? 12

Os latinoamericanos sempre ligaram os temas da integração e da marginalidade ao tema do futuro. Sempre se preocuparam tanto com a marginalização produzida por suas sociedades quanto com a marginalidade de suas próprias sociedades em face do mundo moderno. Integrar-se ao mundo moderno e integrar-se a si próprias

12-Touraine, Alain, Palavra e Sangue, Editora Trajetória Cultural, 1989, São Paulo.

enquanto sociedades são desafios que estão nas origens disso que poderíamos chamar de condição latinoamericana ou, se se quiser, em sentido mais amplo, de condição americana. "Ha' aproximadamente cento e trinta anos," diz o pensador mexicano Leopoldo Zea, "um filosofo da historia, Hegel, assinalou o carater marginal dos povos não-europeus ou não ocidentais." "Ali, entre estes povos", acrescenta Zea, "estavam ja' os nossos." Se a Europa e' o centro que poderiam ser os outros? "Para o filosofo alemão, a Europa era a unica encarnação do espirito que faz a historia possivel. (...) E que era a nossa America? Dentro dessa concepção hegeliana, a nossa America era o futuro, a possibilidade".¹³

Hegel, então, nos concedia o futuro. Não e' pouco. Do mesmo modo, quando Sarmiento, nas primeiras decadas do seculo XIX, ou Euclides da Cunha, na passagem para o seculo XX, ou, mais recentemente, Oliveira Vianna, no Brasil dos anos 40, falavam do sertão, da marginalidade, do atrazo, era para afirmar as suas proprias versões da civilização, do progresso, da modernidade. Em outras palavras: eles afirmavam o futuro.

Ai' esta', talvez, a primeira grande diferença entre o que sabemos de nossas crises passadas e de nossa crise atual. Vivemos hoje um bloqueio de perspectivas. Dificil encontrar uma outra epoca em que se tenha obscurecido com tanta força o sentido do "desenvolvimento" ou, se se quiser, o sentido "faustico", da nossa historia. Vivemos hoje um sentimento de perda do futuro. Havera' quem pretenda dizer que esse "bloqueio" que, alias, aparece, de inicio, nos paises mais modernos da America Latina (Argentina e Uruguai), nos aproxime, paradoxalmente, da condição moderna. Não e' disso mesmo que se fala nos paises mais modernos do mundo, nos paises ricos da Europa Ocidental e, mais recentemente, nos Estados Unidos? Uma especie de "fim da historia", uma noção segundo a qual "o futuro ja' chegou"? A confusão e' possivel, por isso tratemos de evita-la.

¹³-Zea, Leopoldo, America Latina y el Mundo, EUDEBA, Buenos Aires, 1965, pag. 75.

Isso que aparentemente nos aproxima de uma cultura da modernidade (ou da pos-modernidade), entra em choque direto com algumas ideias, desde sempre ligadas a isso que chamei de "condição americana". Não acredito nas teorias da pos-modernidade nem mesmo para a Europa e com mais razão descreio delas para as Americas, sobretudo para a America Latina. Em todo caso, se a Europa esta' (ou esteve) ligada à ideia de passado, a America, tanto a do Norte quanto a do Sul, esta' - sempre esteve, pelo menos - ligada à ideia de progresso. O progresso das luzes, evidentemente, que se vincula à noção de liberdade individual e de liberdade politica. Mas tambem o progresso da riqueza contra a miseria. Nas duas variantes, a ideia de progresso e', de resto, tão essencial à formação da cultura da modernidade quanto a ideia de revolução.¹⁴ Ao povoamento da America - sobretudo a do Norte mas tambem a do Sul - esta' associada a descoberta, que haveria de infundir força às revoluções do mundo moderno, de que a miseria não era um fato natural mas uma realidade social, em principio modificavel. Por isso, a America esta' ligada, ao longo do tempo, às esperanças dos pobres da Europa.¹⁵ Da importancia de tais imagens na historia, falam os muitos estudos sobre as migrações que sempre encontraram portos de acolhimento nos países das duas Americas.

E' evidente que a America Latina dos anos 80 não corresponde a tais esperanças. Parte importante das populações do Mexico e da America Central gravita em torno dos Estados Unidos. So' de El Salvador, com seus pouco mais de 5 milhões de habitantes, vivem nos Estados Unidos cerca de 800.000 pessoas. Ha' alguns anos, os brasileiros que sempre nos orgulhamos de ser um país com capacidade de acolher quem viesse de fora, nos demos conta, com surpresa, que tambem o Brasil se havia tornado um país de emigração.

14-Arendt, Hannah, Da Revolução, Editora Atica, São Paulo, 1988, pags. 53 e seguintes.

15- Sobre as imagens europeias, Buarque de Holanda, Sergio, Visão do Paraíso, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.

Os anos 60 podem ter sido, neste sentido, o nosso último período tipicamente "americano". É que se a imagem da América esteve sempre ligada à ideia de progresso, quando este falhou, a alternativa se chamou sempre revolução. Uma revolução não apenas dos de baixo, nem apenas dos de esquerda, como seria de esperar. Desde a Revolução Americana e desde as preliminares das lutas de Independência da América Latina, a palavra revolução sempre foi usada na América, de um modo digamos heterodoxo, por qualquer segmento político e por qualquer segmento social que se propusesse mudar, por meio da violência, o statu quo. E sempre significou tanto uma perspectiva de ruptura da ordem institucional quanto uma perspectiva de mudança da situação econômica e social. Nestes países "sem passado", em todo caso de tradições muito frágeis, existe, por certo, uma direita, até mesmo várias "direitas", algumas alias muito truculentas. Mas não existem conservadores, pelo menos não no sentido em que estes se formam sob o impacto da Revolução Francesa, inspirados nas glórias passadas da Europa. Aqui, na maior parte dos países, e na maior parte das tendências políticas, o passado sempre foi mais pobre do que se imaginava pudesse vir a ser o futuro. Mesmo a direita mais dura sempre imaginou que deveria, de algum modo, mudar a sociedade. Sabe-se que as ditaduras militares recentes, além de reações ao crescimento das esquerdas, tinham seus projetos de reorganização do Estado e da sociedade.¹⁶ Por isso chamavam aos seus golpes de Estado de revolução e a seus regimes ditatoriais de "regimes revolucionários". Seria demasiado reconhecer neste jogo malicioso com as palavras, a homenagem do vício à virtude, a homenagem ao futuro (e à mudança) por parte daqueles segmentos sociais e políticos que mais teriam razões para temê-lo?

Em inícios dos anos 60, um dos principais promotores da teoria da marginalidade social, Roger Vekemans, falava do crescimento dos "cinturões de miséria" das grandes cidades

¹⁶-Garreton, Manuel Antonio, "The Political evolution of the Chilean military regime and problems in the transition to democracy", capítulo de Transitions, já citado.

latinoamericanas à luz de uma metáfora inspirada nas crises da Antiguidade. No contexto de um discurso erudito e ao gosto de um pensamento marcadamente conservador, ele falava da Roma antiga ameaçada pelas invasões dos bárbaros. O que ele via na realidade da América Latina, era a miséria dos campos, produzindo a grande massa dos pobres que migravam para as cidades onde "não tinham de seu nem o chão em que pisavam". Este processo muito complexo assumiu, naqueles anos, significados diversos e metáforas diversas. Na mesma época em que Vekemans falava das ameaças dos bárbaros, circulava pela América Latina o livrinho de Franz Fanon, Les Damnés de la Terre, e Régis Debray tentava interpretar, no seu Revolucion dans la Revolution, os rumos dos movimentos de guerrilha daqueles momentos, falando de uma "grande marcha", na qual o campo "proletário", estimulado pelos "focos guerrilheiros", viria a cercar a cidade "burguesa". Eram metáforas diversas e sempre previsões de catastrofes. Mas que anunciavam grandes mudanças revolucionárias. Falava-se da morte de uma época mas também de um renascimento, de um "novo começo".¹⁷

Parecem-me significativos os termos que utiliza O'Donnell para falar da crise atual: ele fala de uma "extranha situação pre-revolucionária sem revolução nem revolucionários". É que não se vê, hoje, o desmoronamento abrupto de um sistema de poder relativamente integrado (quero dizer integrado apesar de suas contradições e até mesmo por causa delas). Nem se vê a situação de confronto direto entre os "de cima", que já não são capazes de dominar, e os "de baixo" que já não mais suportam a dominação, como se descreve nas histórias das revoluções. O que vemos se parece mais com o desmoronamento de uma civilização do que com o anúncio de uma nova era. É por isso que dessas imagens diversas, deve permanecer, me parece, a mais antiga, a de Roma ameaçada pelos bárbaros. É que, mais do que as outras, ela evoca o espetáculo da degenerescência de uma sociedade, a longa e

¹⁷-Ha' algo dessa esperança no livro de Hernando De Soto, Economia Subterranea - Uma Análise da Realidade Peruana. Editora Globo, Rio de Janeiro, 1987, quando fala do papel renovador das massas de migrantes em Lima.

erosa decadência de uma civilização que nos impede discernir linhas do futuro.

Mas que a comparação não passe muito além desse ponto. Roma já unificou um império e as grandes cidades da América Latina jamais conseguiram unificar os países aos quais servem como sedes-capitais. Na época atual, divididas em si mesmas, já não unificam nem mesmo o seu entorno.

3 - SOCIEDADES EM DEGENERESCENCIA?

Jose' Medina Echavarría anotou, em livro de 1964, que a crise de legitimidade que lançava raízes na crise de poder das velhas oligarquias agrárias da América Latina, poderia chegar a uma "vaporación completa de las creencias" e a uma "quiebra moral" de proporções que poderia produzir "la anomia generalizada de todo un cuerpo social".¹⁸ Medina era, em suas próprias palavras, um "viejo liberal", um espanhol republicano que amargou durante toda a vida, o exílio que lhe impunha a sua condição de opositor de Franco. Mas a ideia de uma anomia generalizada parecia muito semelhante ao caos de que falavam, na época, muitos homens de bem-reita, para que a advertência soasse com toda a seriedade que precisava.

Falamos de hipóteses e esta, como de resto qualquer outra, talvez não explique tudo. Além disso, equívocos sempre são possíveis, em especial com hipótese tão ousada. Equívoco maior, porém, seria o de desprezá-la, pois ela volta, hoje, na consideração de sociólogos mais jovens que falam, além de uma crise econômica, de uma crise de legitimidade, de uma crise de governabilidade e, no limite, de uma crise moral. O que diz Sergio Berrmeño para o México, vale para outros países: "a crise de progresso dos anos oitenta (noventa?) juntamente com as ações soliberais do governo mexicano, têm provocado uma forte desorganização social", uma "dinâmica de desordem" nos planos da

¹⁸-Jose' Medina Echavarría, Consideraciones Sociológicas sobre el Desarrollo Económico de América Latina, Editora Colar/Hachette, 1964.

família, sindicatos, partidos, associações, Estado, etc.19 E' isso que se chama de "dinâmica de desordem" que se trata de entender aqui.

Se a direita dos anos 60 falava de caos para se opor à ideia de revolução, a esquerda talvez não tenha sido o bastante atenta para perceber que uma situação de "anomia generalizada" e' o contrario de qualquer noção de ordem, ate' mesmo daquela ordem que as revoluções pressupõem. Ao contrario do que se pensa, a anomia dificulta as mudanças ao inves de torna-las possiveis. Ate' mesmo a transformação revolucionaria deve partir do reconhecimento da realidade de alguma ordem, tão contraditoria e injusta quanto possa parecer. Deve partir, de facto, de uma dada ordem e do impulso de suas contradicções. Revoluções não partem de uma sociedade sem normas nem pretendem construir uma sociedade sem normas, se uma tal sociedade fosse possivel. Implicam rupturas de uma ordem determinada para construir uma nova ordem.

Neste sentido, uma situação de anomia generalizada pode ser tão fatal para um governo (desde que democratico) quanto para qualquer perspectiva de mudança da sociedade, seja atraves de reformas ou de revoluções. Situações de anomia têm mais afinidade com situações de degradação da estrutura social, como e' o caso tipico do lumpen, do que com qualquer camada ou classe social que possa gerar situações de protesto e de mudança, como seria o caso dos trabalhadores industriais, dos grupos etnicos negativamente discriminados, etc. Situações de anomia são sempre desfavoraveis ao crescimento da organização, em especial daquelas organizações sem as quais nenhuma mudança e' possivel. Organizações sociais

19-Zermeño, Sergio, "Mexico: o retorno do Lider - Crise, Neoliberalismo e Desordem", Revista Lua Nova, nº 18, agosto 1989, CEDEC, São Paulo. "A hipótese geral aqui enunciada pode ser também lida na evolução conceitual das ciencias sociais na America Latina, digamos, durante os ultimos vinte anos: do desenvolvimento mundial imperialista ocidentalizando o mundo à sociologia do pessimismo e da decadencia, do estancamento e da exclusão crescentes, da pessoa humana derrotada, situação que na America Latina e', hoje, tão elegantemente denotada com o conceito de pos-modernidade". Zermeño, op. cit., pag. 170.

essupõem normas sociais; situações de anomia, pelo contrario, se finem pela ausencia de normas. Portanto, não geram organização. ram apenas, como dizia Medina, "desesperança e extremismo". É a periencia historica diz que, em politica, estes sentimentos dão ase sempre em desastre, isto e' em violencia e despotismo.

Vale insistir um pouco mais na hipotese, mesmo porque, para a flexão sociologica, a anomia apareceria sempre como uma tuação limite, uma situação extrema, dessas que so' pareceriam istir no reino da teoria. Eu suponho, porem, que quando o rixista Antonio Gramsci falou da Italia do Mezzogiorno como uma gião de "degenerescencia social", ele incluía fenomenos recidos com estes que observamos hoje em certas regiões da erica Latina. A Mafia, a Camorra e outras invencões eridionais", nascidas da miseria e da violencia, não têm algo parecido com os "carteis" colombianos da coca? A diferença e' e a Sicilia e a Calabria, que Gramsci tinha em vista nas suas atas sobre a "Questão Meridional", eram apenas pedaços de um tado nacional que respondia a um deslocamento dos centros de ncisão para o norte, isto e' para a modernidade. Aquilo que ramsci examinava no Sul da Italia poderia ser tido como um modelo reduzido" disso que ocorre, hoje, em muitos paises da erica Latina em escala ampliada.

Não se deve, porem, excluir a possibilidade de que algum efe mafioso italiano tenha, algum dia, afirmado algo de parecido isso que disse, recentemente, um dos chefes do narcotrafico lombiano - que estaríamos no umbral de uma "civilização da ocaina". E' uma afirmação sinistra, espantosa. Mas que não chega ser surpreendente para quem sabe que as rendas provenientes da ocaina aparecem em segundo lugar entre as exportações lombianas. É que a mafia do narcotrafico ja' teria, segundo eclaram alguns lideres politicos colombianos, penetrado rofundamente no aparelho de Estado, em particular na policia e no exercito, com as quais tem colaborado, atraves de organismos para-ilitares, na experiencia comum da repressão aos grupos de uerrilha. E, mais ainda, que a mafia do narcotrafico colombiano,

produto sinistro de regiões atrasadas e decadentes do mundo, cresceu, como a mafia italiana, nas transações com o crime organizado das regiões mais modernas, em particular dos Estados Unidos.

Falar de uma "civilização da cocaína" é falar do absurdo e não do impossível. Se as exportações da coca têm, na Colômbia, a importância que todos admitem elas estão perto das exportações do café. E sabemos que o café (como a cana de açúcar e o gado) ajudou a construir, numa especial simbiose com o mundo industrial, pedaços importantes da civilização latinoamericana. Hoje, partes da Colômbia, da Bolívia e do Peru se ligam a pedaços de um mundo moderno em degenerescência, que inclui partes dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, pelos laços do vício e do crime. Os jornais noticiaram, nestes dias, um comunicado do grupo "Los Expatriables" no qual eles se dirigem ao Estado colombiano para reconhecer sua derrota na guerra da cocaína e para pedir paz. O que há de surpreendente no comunicado não é que se considerem derrotados mas que, considerando-se tais, proponham uma negociação de paz, falando com o Estado colombiano numa linguagem de poder para poder.²⁰ A proposta foi recusada pelo Presidente Virgilio Barco.

O fenômeno da anomia pode ter um significado terrível. Falar de uma "civilização da cocaína" é falar de algo paradoxal e

—Eis alguns trechos do documento: "1 - Tomamos conhecimento do convite patriótico contido no documento assinado pelo Monsenhor Mario Revollo Bravo, na mui ilustre companhia dos ex-Presidentes Alfonso Lopez Michelsen, Julio Cesar Turbay e Misael Pastrana e do presidente da União Patriótica, Diego Montana Cuellar. 2 - Para responder a tão elevados propositos reiteramos nossa conhecida vontade de paz (...) 3 - Compartimos plenamente o criterio expresso por estes sobre a sobrevivencia do Estado e do governo eleitos democraticamente, frente a organizações e pessoas que, como o nosso caso, vivemos à margem da lei (...) 5 - (...) aceitamos o triunfo do Estado (...). Deporemos então as armas (...) 9 - Decidimos suspender o envio de droga e entregar as armas, os explosivos (...) no momento em que nos forem garantias constitucionais e legais (...). Cf. inscrição do jornal O Estado de S. Paulo, 18-1-1990.

sinistro. É falar de algo que, a exemplo dos fascistas quando davam seus gritos histericos de "viva la muerte", subverte tanto a logica quanto os valores fundamentais da humanidade. Não se pode viver a morte. Do mesmo modo, por mais libertaria e permissiva que seja a nossa concepção de civilização, esta não se pode construir sobre uma enfermidade. E a expansão das rotas da droga não pode ser entendida senão como sinal de uma doença da civilização, sinal inequivoco de decadencia, que se não for controlada e, se possivel, cortada em tempo, conduzira' à morte, sem renascimento possivel.

4 - UMA NOVA IDADE MEDIA?

Uma crise social de tais proporções não teria como deixar de afetar a consistencia do proprio pensamento social. No plano teorico, a existencia de fenomenos de anomia generalizada é tão surpreendente que pode servir para colocar em questão perspectivas consideradas consagradas nas ciencias sociais. Examinando fenomenos semelhantes na Europa, Ralf Dahrendorf considera, por exemplo, que "as lutas de classe tradicionais não mais representam a expressão dominante da sociabilidade insociavel do homem. Pelo contrario, o que encontramos são manifestações mais individuais e mais ocasionais de agressão social; entre elas, as ocorrencias proeminentes são as violações da lei e da ordem publica por individuos, bandos e multidões".²¹ De minha parte, creio que, pelo menos na America Latina, as lutas de classe "tradicionais" continuam predominando na raiz das manifestações disso que Dahrendorf (segundo Kant) chama de "sociabilidade insociavel do homem". Mas não ha' como negar que as "violações da lei", no sentido por ele definido, contribuem, muito fortemente, para a anomia. É que, no limite, tais "violações da lei" se convertem em uma forte propensão para a violação das normas sociais.

Consideremos alguns exemplos. Parece-me evidente que a violencia dos "contra" da Nicaragua, buscando desestabilizar o

²¹-Dahrendorf, Ralf, A Lei e a Ordem, Instituto Tancredo Neves - Fundação Friedrich Naumann, São Paulo, 1987, pag.

governo sandinista e arrebentar com a já precária economia do país, deveria ser entendida como a violência "tradicional", isto é, de classe, dos grupos conservadores da América Latina.²² Mas não se diz dos "esquadrões da morte" que atuam a mando da direita em El Salvador ou das ondas de crimes que se atribuem ao Sendero Luminoso, no Peru, senão que a violência política está se confundindo com o crime comum numa escala até aqui desconhecida na história da América Latina? Além disso, embora com frequência a exploração da direita sobre tais fenômenos vá além de toda medida, não há como negar o crescimento da violência nas grandes cidades. Cresce a incidência não apenas do furto e do roubo, mas também do assalto à mão armada e dos crimes contra a pessoa, estimulando, por toda parte, a disseminação dos grupos de segurança, guardas particulares, etc..

Em partes da sociedade brasileira, assiste-se a uma "lumpenização" das condutas que não atinge apenas gente pobre, mas segmentos de classe média e mesmo de classe alta. O crescimento do crime de colarinho branco é evidência disso. A cidade do Rio de Janeiro não é o único exemplo a oferecer sobre o Brasil mas é, talvez, o caso mais notável porque ali são mais visíveis a decadência econômica da antiga capital do Império (e da República), a pobreza crescente das populações dos morros e das favelas envolvendo os bairros de classe média, a mistura dos trabalhadores, da classe média, do "jogo do bicho", da prostituição de todos os gêneros e estilos, estimulada pelo turismo da cidade-balneário. Uma ilustração interessante disso pode ser oferecida pelo caso do bandido "Meio Quilo", do Morro da Marta. Embora traficante conhecido, foi também namorado da filha do vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, a qual,

²²Uma estimativa dos efeitos da guerra na América Central, por parte do Inter-American Dialogue: "Quase duzentas mil pessoas foram assassinadas nos conflitos internos de El Salvador, da Guatemala e da Nicarágua; mais de dois milhões foram desalojadas de suas casas. A maior parte da infraestrutura física da região está em ruínas ou foi dilapidada. Furacões, estiagens e terremotos causaram terríveis perdas, mas a pior destruição foi provocada pela guerra". As Américas em 1989, ppag. 19.

segundo os jornais, o visitava, com frequencia, na prisão. Morto pela policia, comparecem ao seu enterro milhares de pessoas, do seu morro e das vizinhanças, que o aclamam como heroi.²³ Este drama suburbano e' um nitido exemplo de como a perda do sentido das normas sociais pode assumir um carater geral. Existem muitos outros exemplos desse processo de "lumpenização" que ao inves de limitar-se às classes mais pobres, pareceria realizar cortes de alto a baixo na estrutura social.

Esses processos de degenerescencia social criam isso que Dahrendorf chama de "areas de exclusão", regiões do comportamento (ou mesmo da geografia) que o Estado não mais parece capaz de controlar.²⁴ Como diz Dahrendorf, o teste final sobre a vigencia das normas e' a sanção que se aplica aos infratores. E, para muitas normas relevantes, a sanção, no limite, depende do Estado. Que fenomenos de perda de controle do Estado (poder central) ocorram em territorios conquistados pela guerrilla em El Salvador, isso significa a criação de uma "area de exclusão" que se propõe tornar-se um novo Estado. E isso basta para se perceber que nem toda "area de exclusão" e' indicadora de fenomenos de degenerescencia social. Mas que tal perda de capacidade de controle do Estado ocorra em certas areas de Medellin e de Bogota' ou em certas favelas do Rio de Janeiro (ou em certos bairros de Nova Iorque), temos ai' claros exemplos de degenerescencia social.

As "areas de exclusão" são um fenomeno muito mais geral do que se pensa. A corrupção administrativa tornou-se um fenomeno de massas; e' celebre o exemplo do Mexico, com a não menos celebre "mordida", a propina sem a qual os papeis oficiais não caminham e os problemas administrativos não se resolvem. Mas não e' de modo algum o unico. Em alguns paises latinoamericanos, não se paga imposto. Em todo caso, em muitos paises latinoamericanos, os ricos não pagam impostos. O Brasil pode ser visto como um caso em

²³-Uma analise do caso pode ser encontrada em Muylaert, Eduardo, "Reflexões sobre a Batalha do Morro Dona Marta", DAB-Revista da Ordem dos Advogados do Brasil, São Paulo, 1988, nº 43-48.

²⁴-Dahrendorf, pag. 39.

a sonegação acabou por se tornar uma pratica generalizada: ha' m diga que, no pais, so' pagam impostos as viúvas, os imbecis e os assalariados. Estes, alias, não podem deixar de pagar que são "descontados na fonte", isto e' quando recebem seu ario.

E' evidente que o fenomeno das "areas de exclusão" se repete isso que muitos vêm chamando de "economia informal" (ou "economia subterranea"), e à qual alguns liberais e neo-conservadores latinoamericanos atribuem poderosas virtudes. No restabelecimento do espirito de iniciativa dos que se colocam (ou foram colocados) à margem da lei do Estado, estaria o ponto de partida para a tomada do desenvolvimento, para a reconquista de um novo dinamismo do mercado e, finalmente, para a consolidação da democracia. O exemplo mais interessante desse tipo de argumento está no livro do peruano Hernando de Soto, El Otro Sendero.²⁵ Eu gostaria que o meu argumento parecesse uma justificativa para o estatismo que De Soto interpreta como "mercantilismo". Mas insisto em que existem claros exemplos nos quais o estímulo à "economia subterranea" e' pouco mais do que uma cortina ideologica para o exercicio de praticas que além de ilegais, tendem a ser legitimas e que se avizinham de situações de anomia. No Brasil, pelo menos, alguns órgãos de imprensa estimulam tão abertamente a pratica da sonegação que a pretexto de fazerem a critica das leis tributarias, se avizinham de uma atitude claramente criminosa. Existem ate' episodios pitorescos que devem ser lembrados: em São Paulo, um importante lider empresarial, Mario Amato, atual presidente da Federação das Industrias (FIESP), pregou de modo tão evidente a "desobediencia civil" que, por ironia, passou a ser chamado, pela imprensa, de "o Bakunin brasileiro". No caso, não era, evidentemente, a desobediencia dos operarios à lei de greve mas a dos empresarios às leis fiscais. Uma vez mais volta a pergunta: qual o limite que diferencia processos de degenerescencia social de processos de mudança social?

²⁵-De Soto, Hernando, Economia Subterranea, op. cit.

Fenômenos de desorganização e de degenerescência social não são coisa apenas de países atrasados e permitem interpretações diversas. Alguns autores vêm chamando a atenção para certos aspectos da aceleração da transformação tecnológica que conduziria, também em sociedades muito modernas, a fenômenos muito semelhantes a estes que poderíamos descrever com a noção de uma "anomia generalizada". Creio que vale a pena abrir aqui um parêntese para algumas reflexões. Embora informadas por um contexto muito diferente do nosso, elas parecem conduzir a resultados semelhantes.

Num ensaio, com o interessante título de "A Nova Idade Média", Umberto Eco qualifica o fenômeno que designa como a "degradação dos grandes sistemas", dizendo que mesmo em uma grande corporation já se vive "a descentralização absoluta e a crise do poder (ou dos poderes) central reduzido a uma ficção".²⁶ É típico da "degradação dos grandes sistemas" um esvaziamento das funções do poder (ou do centro) e uma ruptura do consenso social. É claro que pertencem à mesma categoria de "grande sistema", com sua tendência à degenerescência, tanto a corporation quanto o Estado e, com maior razão, o Império.²⁷ Eco oferece uma visão impressionante desse processo de degenerescência, através de suas considerações sobre um ensaio de Furio Colombo que coloca a questão tecnológica no miolo do nosso assunto. "O avanço tecnológico esvaziou as instituições e abandonou o centro da

-Eco, Umberto, Viagem na Irrealidade Cotidiana, Editora Nova Fronteira, 3a. edição, Rio de Janeiro, 1983, pag. 81.
 -Um dos inspiradores destas reflexões, na Itália, é Umberto Vacca, autor de um curioso livrinho, publicado pela primeira vez em 1971, chamado Il Medioevo Prossimo Venturo (La Degradazione dei Grandi Sistemi), Mondadori Editore, 1987 (3a. Edição). "Uma das minhas teses é que a proliferação dos grandes sistemas até atingirem dimensões críticas, instáveis e anti-econômicas será seguida de uma degradação tão rápida quanto a expansão precedente e acompanhada de eventos catastróficos. Consequentemente, serão estas as características principais que deverão ser reconhecidas como sintomas da chegada do início da próxima idade média: o primeiro será uma brusca diminuição da população (...), o segundo será o despedaçamento dos grandes sistemas e sua transformação em um grande número de pequenos sub-sistemas independentes e autárquicos". Op. cit., pgs. 19-20.

estrutura social" e o poder "se organiza abertamente fora da área central e média do corpo social, rumo a uma zona livre dos deveres e responsabilidades gerais, revelando aberta e repentinamente o caráter acessório das instituições".²⁸ Num raciocínio tão tremado quanto sugestivo, Colombo fala de uma "vietnamização dos territórios" (mercenários, polícias internas, etc.) na sociedade moderna.

Na mesma linha, Giuseppe Sacco nos reaproxima da América Latina, ao sugerir, para certas sociedades modernas, um "quadro de guerra civil permanente, dominado por um choque de minoriasostas e sem centro". Nesse quadro, "as cidades estarão preparadas cada vez mais para se tornarem aquilo que já podemos encontrar em algumas localidades latinoamericanas habituadas à guerrilha, "onde a fragmentação do corpo social é bem simbolizada pelo fato de o porteiro dos prédios de apartamentos estar habitualmente armado de metralhadora. Nessas mesmas cidades os edifícios públicos parecem de algum modo fortalezas, como os palácios presidenciais, e são circundados por uma espécie de muralha em terra que os protege dos ataques das bazucas".²⁹

Não sei a que cidades latinoamericanas se refere o texto citado. Mas, com pequenas diferenças de detalhe, não será difícil reconhecer, nesta descrição, qualquer grande cidade latinoamericana. Em São Paulo, em muitos edifícios de apartamento, o porteiro não anda armado de metralhadora mas, em geral, é acompanhado por um guarda particular armado de revólver. Isso se observa também em muitas casas particulares de classe alta. Nos chamados "condomínios fechados", que são áreas residenciais de classe média que recentemente se espalham em bairros da periferia das grandes cidades brasileiras, os portões são guardados por grupos de segurança, formados por homens armados de revólver mas também de espingardas e de rifles. É evidente que por mais que cresçam, os "condomínios fechados" não passam de pequenas ilhas das classes médias em um mar de pobreza e de miséria.

²⁸-Eco, pag. 82.

²⁹-Eco, pag. 85.

5 - PERDA DE LUGAR NO MUNDO

Tanto a hipótese da "anomia" quanto a da fragmentação social, ao estilo de uma "nova Idade Média", cobrem aspectos da realidade latinoamericana. Desnecessário assinalar que são apenas hipóteses parciais, tímidas aproximações a processos em curso que, em grande medida, escapam às nossas possibilidades atuais de análise. No mesmo sentido, valeria juntar aqui uma outra hipótese, talvez um pouco mais "especificamente latinoamericana".

Eu quero me referir a esse sentimento de perda de lugar no mundo que atravessa hoje tantas análises sobre a América Latina, em particular a América do Sul, por parte dos economistas e dos estudiosos das relações internacionais. Tendo deixado de ser, desde os anos 30, o complemento dos países "centrais" em uma ordem econômica internacional na qual cumpria o papel de exportadora de matérias primas e de importadora de manufaturas, e tendo esgotado, na virada dos anos 60, com maior ou menor êxito segundo os países, as perspectivas de um "desarrollo hacia adentro", baseado na substituição de importações, - a América Latina parece não encontrar lugar na nova ordem internacional que se desenvolve a partir dos anos 70, com base na aceleração da "revolução tecnológica". Quando sabemos de todas as críticas dos latinoamericanos a propósito do lugar dependente que o mundo sempre lhes reservou, esse sentimento de "perda" de seu lugar no mundo pede alguma explicação.

Desde meados dos anos 70, a circulação de capitais se dá, cada vez mais, entre os países do hemisfério norte. Mais do que uma conjuntura excepcional, a circulação de capitais restrita a determinada área do mundo serve para indicar a formação de um novo mapa de regiões econômicas relativamente integradas. O Embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, analisou, em estudo recente, o fenômeno da formação de blocos: primeiro, os Estados Unidos (inclusive o Canadá e, talvez, o México); segundo,

Europa, em processo de unificação que se concluirá em 1992; terceiro, o Japão e os "novos países industrializados" da Ásia; quarto, a URSS e os países da Europa Oriental buscando via perestroika e glasnost, o caminho da democracia e da modernização.³⁰ O Embaixador Rubens Ricupero, chefe da missão do Brasil em Genebra junto às Nações Unidas, indica algumas das consequências dessa reorganização dos mercados (e do poder) no mundo: "...a tentação de fragmentar o sistema em blocos mais ou menos fechados faz temer os efeitos demolidores que possam eventualmente ter em 1982 a adoção definitiva do Mercado Comum Europeu, assim como o Acordo de Livre Comércio entre os EUA e o Canadá e o plano de estendê-lo ao México àte' constituir uma área comercial de toda a América do Norte, sem mencionar projetos maisipientes como o de um possível acordo entre o Japão e os países industrializados da Ásia ou mesmo de um acordo de livre comércio entre os Estados Unidos e o Japão". Considerando que a América e o Caribe estão ligadas à CEE, Ricupero conclui que os objetos de blocos "cobrem praticamente todas as grandes regiões do globo, exceto a América do Sul". 31

Celso Lafer constata que "a região como um todo, da década de 70 para a década de 80, perdeu posição no campo econômico. A renda per capita da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru, Uruguai e Venezuela é' hoje um terço ou menos inferior à do Japão e dos países europeus de renda média, metade da Europa mediterrânea, e inferior às dos Nics asiáticos e da América Latina".³² Ainda em contraste com os anos 50 e 60, assiste-se nos anos 80, segundo Lafer, uma perda do significado político da América Latina como bloco regional de poder, que se reflete na

-Marcello Marques Moreira, "O Brasil no contexto internacional do fim do século XX", Revista Lua Nova, CEDEC, nº 18, agosto de 1989.

-"O Brasil e o Futuro do Comércio Internacional", capítulo do livro coletivo Nova Era da Economia Mundial, organizado por Norman Gall e Werner Loewenberg, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1989, pag. 94.

-Lafer, Celso, "Dilemas da América Latina num mundo em transformação", Revista Lua Nova, nº 18, agosto 1989, pag.

ise da Organização dos Estados Americanos, que, no segundo apos-
erra, teve grande importancia na diplomacia multilateral global.
quindo algumas das analises de Peter Drucker, Lafer examina esta
danças economicas e politicas no quadro das transformações
nologicas que vêm "desgastando as classicas vantagens
mparativas historicas que deram, bem ou mal, à região, desde a
oca da expansão europeia no seculo XVI, um papel economico no
ido".33

O desenvolvimento da tecnologia agricola e a biotecnologia
minuiram a importancia estrategica da exportação e importação
produtos primarios" permitindo auto-suficiencia alimentar a
numero crescente de paises. As novas tecnologias tambem reduzem
mportancia da materia prima na industria, afetando uma região
podutores de estanho, petroleo, cobre, bauxita, ferro, etc..
escente-se a redução da importancia da mão de obra como fator
competetividade internacional, atraves da automação e da
ormatica. "Em sintese: o quadro latino-americano nesta decada
realmente um quadro de crise de identidade e de estagnação
racional. (...) ocorreu uma efetiva deterioração da posição dos
ses latino-americanos no cenario internacional - uma
erioração que afetou a identidade, reduziu as margens de ação
erna e a capacidade interna da região para modernizar-se e
envolver-se".34

E' evidente que os projetos de blocos, naquilo em que dizem
peito a paises da America Latina, são ainda para o futuro. Do
mo modo, o são as politicas de integração latinoamericana, ate'
i apenas incipientes ou completamente frustradas. Em todo
o, não se pode passar por alto as exceções. Ao Sul, esta' a
ecção, brilhante embora ainda muito incipiente, dos Protocolos
cooperação comercial entre o Brasil e a Argentina,
avelmente a iniciativa mais importante dos governos Sarney e

Lafer, Celso, op. cit.

Lafer, op. cit.

Alfonsín, visando a integração econômica dos dois países.³⁵ Incipientes que sejam, os Protocolos Brasil-Argentina apontam caminhos, possibilidades que se reforçam no processo de democratização em curso nos dois países e no conjunto da América Latina. Como já observado por Rosenthal, a volta, nos anos 80, a "regimes mais pluralistas e participativos estabelecia uma comunidade de interesses que, certamente, facilitava muito a comunicação e a confiança mútuas entre os governos participantes nos processos subregionais de integração". Mas, como bem observa o Secretario Ejecutivo da CEPAL, a verdade é que a integração, ao invés de servir, nos anos 80, para atenuar "os efeitos recessivos provenientes do setor externo (...) converteu-se em uma vítima a mais da crise". Em consequência da instabilidade cambial, falta de divisas, redução do nível de ingressos, o comércio regional caiu de 15,4% das exportações totais da América Latina, em 1980, para 11,1% em 1985, recuperando-se ao nível anterior nos últimos anos da década.³⁶

As exceções que se constatarem na área das políticas de integração, não podem, pelo menos para o momento, servir para invalidar a constatação geral: em um mundo em processo de reorganização, os países da América Latina não se integram a região nenhuma dentre as existentes. Ao Norte da região, a única exceção parece ser a do México. Diz Abraham Lowenthal que "a integração silenciosa" da economia do México com os Estados Unidos avançou rapidamente, em especial na fronteira, onde as indústrias de montagem maguila se expandiram dramaticamente nos últimos anos, frequentemente com investimento japonês. Apesar das tensões dos últimos anos, em nenhuma época da história do México pós-revolucionário houve condições estruturais mais favoráveis do

35-Para uma descrição das políticas de integração, ver Ricardo Seitenfus, "A Cooperação Argentino-Brasileira: Significado e Perspectivas", Revista Lua Nova, nº 18, agosto de 1989. Para um balanço específico da política de integração Brasil-Argentina ver, além de Seitenfus, também Daniel Chudnovsky e Fernando Porta, "En torno a la integración económica argentino-brasileña", Revista de la CEPAL, Santiago de Chile, Diciembre de 1989, nº 39.

36-Rosenthal, op. cit.

que agora para avanços significativos na direção da cooperação bilateral com os Estados Unidos".³⁷ Os demais países da América Latina, pelo menos até aqui, além de não se integrarem a outras regiões ou blocos, também não se integram entre si formando uma região econômica com vôo próprio, nem vêm servindo como fator de integração de novas regiões. Na política de blocos, tal como esta se desenvolve hoje, eles apenas sobram, como parte desse Terceiro Mundo que é, em todas as classificações, o "resto do mundo", apenas um amontoado de países atrasados, estancados e marginais aos centros de dinamismo do sistema econômico internacional.

Talvez se encontre aí a raiz mais fundamental de todos os problemas atuais da América Latina. Os países latinoamericanos se desintegram por dentro e por fora, tanto na sua estrutura interna quanto nos seus vínculos com o mundo. Nos anos 80, esses países que já eram pobres tornaram-se também marginais, isto é saíram (ou estão saindo) dos circuitos econômicos principais do mundo moderno. Esse deslocamento, evidentemente, não impediu os países latinoamericanos de se tornarem mais pobres ainda. Em todo caso, o certo é que se a América Latina dos anos 80 continua uma região de países periféricos, já não é mais uma região de "países em desenvolvimento", como se dizia nos anos 60. É uma região de países estancados. E, como sugere Ricupero, "a nenhum país estará garantida a sobrevivência ou a participação se não souber acompanhar as mudanças" que ocorrem no cenário econômico e político internacional.³⁸

37- Lowenthal, Abraham, "Os Estados Unidos e a América Latina: Além da Era Reagan", Revista Lua Nova, agosto de 1989, nº 18. Vão no mesmo sentido as observações de Peter Drucker, para quem a "integração (México-EUA) já é em grande parte fato consumado. As indústrias mais eficientes do México e as que pagam os melhores salários - as fábricas ao longo da fronteira americana, e algumas outras no interior pertencentes a gigantes americanos como a Ford e a IBM - produzem principalmente (ou inteiramente) para o mercado americano". Drucker, Peter, As Novas Realidades, Editora Pioneira, São Paulo, pag. 33.

38-Ricupero, op. cit., pag. 107.

Segundo dados do Banco Mundial, no Peru, o total de investimentos caiu por 17% ao ano em 1980-85, já chegando a afetar a infra-estrutura das atividades econômicas do país, em especial na área da energia. O mesmo vem ocorrendo na Bolívia e na Argentina, tendo os investimentos caído, neste último país, 14% ao ano desde 1980. No Brasil das duas últimas décadas, a quota de investimento baixou de 25% para 16%, caindo os investimentos cerca de 5,5% ao ano; no México caíram 9% ao ano e no Chile 13%. Segundo dados da CEPAL, comparando-se os anos de 1980 e de 1987, a diferença registrada para o PIB per capita é de -14,7 para a Argentina, -7,3 para o Equador, -9,1 para o México e de 3,8 para o Brasil.³⁹

A América Latina dos anos 80 se salva pela democratização. Na economia e, em ampla medida, na sociedade, tudo saiu pelo avesso (ou por fora) dos padrões que a maioria dos latinoamericanos consideramos normais. Seu vínculo mais forte com o mundo moderno é a dívida, o mais perverso dos vínculos econômicos que países atrasados podem ter com a modernidade. E como anota Alain Touraine, a dívida transformou a América Latina "que era fortemente importadora de capitais, em região exportadora"⁴⁰. Bert Rosenthal faz a mesma consideração e acrescenta: "... em 1970, 18,8% da inversão direta que as empresas estadunidenses tinham no exterior se encontrava na América Latina e no Caribe; essa proporção havia diminuído para 13,2% em 1986. Em contrapartida, dos 17 países mais endividados do mundo em desenvolvimento, 12 se encontram atualmente na região." Nos anos 80, "a deterioração dos termos de troca e o serviço da dívida externa, normalmente acompanhados pela diminuição de entradas líquidas de capital externo, reduziram de maneira considerável a disponibilidade de recursos líquidos suscetíveis de destinar-se à inversão. Assim, o coeficiente de inversão líquido para a região caiu de 22,7% em 1980 para 16,5% em 1988." Este fenômeno, segundo Rosenthal, teve, na maioria dos países, repercussões adversas,

³⁹-Gall, Norman, "Nova Era da Economia Mundial", in Gall e Loewenberg, op. cit., pag. 10 e seguintes.

⁴⁰-Alain Touraine, Palavra e Sangue, pag. 457.

entre as quais a "crecente obsolescência da estrutura produtiva e uma alarmante deterioração da infraestrutura física".⁴¹

O maior beneficiário desse processo perverso que já foi chamado de "Plano Marshall às avessas" são os Estados Unidos, que têm absorvido as poupanças latinoamericanas e de todo o "terceiro mundo". Países cujo PIB não cresce há anos, vêm-se obrigados a cortar na própria carne para "honrar" os juros de uma dívida, cujo principal já não têm como pagar. É certo que desde 1989, alguns países, entre os quais o Brasil e a Argentina, praticam uma moratória não-declarada. Mas isso não parece haver afetado a política econômica que tendo em conta a dívida, dá as costas para o mercado interno e redireciona a economia desses países para a exportação.

São claros os fatos que denunciam a condição de marginalidade da América Latina no mundo de hoje, agilizadas pela revolução tecnológica e pela aceleração dos processos de modernização. Mas o sentimento de "perda" de lugar no mundo que acompanha tais fatos é a melhor indicação da América Latina para a modernidade. É tempo de observar, a propósito, que só excepcionalmente o nacionalismo assumiu, na história latinoamericana, um caráter conservador ou reacionário. À parte pequenos desvios de rota, as críticas latinoamericanas contra o imperialismo raramente se identificaram com um sentido autárquico regressivo. Na maior parte dos casos, eram inspirados por alguma concepção da modernização, pretendiam que os países

41-Ver Rosenthal, op. cit. Análise semelhante se encontra em As Américas em 1989: "A expansão econômica latino-americana nas décadas de 60 e de 70 foi alimentada por um fluxo contínuo de capital estrangeiro. Durante a década de 80, esse fluxo se inverteu dramaticamente. Entre 1972 e 1981, a América Latina obteve uma média de cerca de US\$10 bilhões a mais por ano em novos empréstimos do que o que pagou de juros e de principal. Nos últimos anos, os pagamentos da dívida da região excederam novos empréstimos em cerca de US\$25 bilhões anuais. Essa diferença de US\$35 bilhões anuais, o equivalente a quase US\$200 bilhões para uma economia do tamanho da dos Estados Unidos, constitui uma intolerável e insustentável drenagem de recursos". Cf. pag.3.

latinoamericanos chegassem a ser autonomos para que pudessem ser dinamicos. Como diz Morse, "a Ibero-America sempre foi vista, mesmo por seus pensadores classicos, não como autoctone, mas simplesmente como obsoleta".⁴² O atrazo sempre foi o grande desafio. E' do mesmo Morse esta esclarecedora citação de Mariategui: "A Europa revelou-me ate' que ponto eu pertencia a um mundo primitivo e caotico e, ao mesmo tempo, me impôs e me esclareceu o dever de uma tarefa americana".⁴³ Não e' verdade que tambem Haya de la Torre viu no fenomeno do imperialismo o choque da modernidade, representada pela Europa e pelos Estados Unidos, com a Indoamerica?

Tomando-se o tema por este ou por aquele ponto de vista, o fato e' que a preocupação com o desenvolvimento, com o dinamismo da economia, sempre foi, entre os latinoamericanos, pelo menos tão forte quanto o tema da Nação, o tema da autonomia. E e' isso que nos permite entender, hoje, na America Latina estancada e descapitalizada, que todos (ou quase todos) os segmentos queiram algum capital estrangeiro, pelo menos para demarrar o crescimento. A verdade e' que para os latinoamericanos, pior do que a dependencia e' o abandono. E por abandono se entende a lamentavel condição de "pueblos olvidados" que sempre os horrorizou e para a qual, contudo, parecem caminhar, atualmente.

6 - A DEMOCRACIA DO APARTHEID

Tudo isso sugere que não apenas vivemos uma grande e profunda crise economica e social mas tambem uma extraordinaria crise de poder. A impotencia dos governos diante da divida pode ser tida como um sinal, não o unico evidentemente, da crise de Estado em que nos encontramos. Se dos anos 30 em diante, o grande empenho historico de um numero expressivo de Estados latinoamericanos foi no sentido da industrialização, hoje as obrigações impostas pela divida levam muitos paises à desindustrialização. Se desde aquela epoca, o grande empenho

⁴²-Morse, op. cit., pag. 127.

⁴³-Morse, op. cit., pag. 105.

historico desses Estados foi no sentido da integração social - entre o campo e a cidade, entre a costa e a "sierra", entre a industria e a agricultura, etc. - hoje se caminha no rumo da desintegração. Tudo isso quer dizer que se desde os anos 30, a America Latina caminhava na direção da construção de um Estado nacional, hoje, ao que parece, caminha para destruí-lo.

O "bloqueio" de perspectivas, sinais de "anomia generalizada", a fragmentação "medieval", o estancamento economico, a perda de lugar no mundo - tudo isso pode tambem servir para configurar uma situação de regressão. Embora haja sempre que reconhecer e reafirmar os progressos da democratização cultura politica e da democratização institucional, as estruturas de poder de muitos países da America Latina podem estar regredindo a isso que Robert Dahl chamou, no seu classico Poliarchy, de um regime de "oligarquias competitivas". Se pudermos considerar esta possibilidade, estaremos diante de uma situação que tanto pode contemplar uma organização institucional democratica quanto uma enorme carga de privatismo e de corporativismo, formas de conduta compatíveis com a "medievalização" e com a "anomia". O "regime de oligarquias competitivas", que Dahl identifica nos exemplos da Atenas da Antiguidade e no Sul dos Estados Unidos (ate' os anos 60), combina a participação de alguns e a exclusão de outros: a participação dos aristocratas e a exclusão dos escravos, a participação dos brancos e a exclusão dos negros, etc. Para os participantes, reservam-se os mecanismos de uma poliarquia, para os excluidos se reserva um regime de coerção e de terror.⁴⁴

Esta hipótese tem pontos de coincidência com uma abordagem recente de Alain Touraine: "o continente (latinoamericano) e' o teatro de um enfrentamento entre dois regimes: um primeiro, aquele que exprime o enorme movimento de modernização, de integração social e de acesso à influencia politica que transtorna o continente no seculo XX (...) e cria uma politica e uma cultura de massa. O outro, aquele que corresponde a um continente dependente,

⁴⁴-Dahl, Robert, Poliarchy, Participation and Oposition, Yale University Press, New Haven, 1971, pags. 3 e seguintes.

de industrialização limitada e de exclusão em massa e permanente". Assim, prossegue o autor, "o futuro da democracia" (...) depende "da influencia relativa de cada um dos dois aspectos complementares e opostos da situação latinoamericana".⁴⁵

Esta' claro que "sistemas duais" podem assumir formas muito diferentes. A Africa do Sul, por exemplo, com seu regime de apartheid racial, aparece como um caso extremamente rigido. No quadro da America Latina teriamos, por certo, que enfrentar a tarefa de uma tipologia que fosse capaz de diferenciar entre situações tão diferentes quanto podem ser as de países de modernização digamos "mais antiga" como as da Argentina, Uruguai e Chile, as de países "recentes" como o Brasil e o Mexico; e ainda as de países que passam por situações revolucionarias (ou pre-revolucionarias) de tipo "tradicional", como Nicaragua e El Salvador, ou as dos países andinos como a Colombia, Bolivia e Peru. ou as de conflagrados como a Colombia, entre outras tantas situações que se poderia discernir no complexo cenario latinoamericano. Haveria muitas diferenciações a fazer que se justificariam num estudo mais amplo sobre a America Latina diante da crise, mas que escapam dos objetivos mais restritos deste ensaio.

Deveriamos, porem, buscar pelo menos assinalar aqui o quanto o atual apartheid latinoamericano se diferencia dos dualismos do passado. Embora a America Latina sempre tenha se caracterizado por regimes de exclusão, os velhos regimes oligarquicos tinham, pelo menos, a pretensão de servirem de base à construção de Estados nacionais relativamente integrados. Mantinha-se o "ideal iberico" da "incorporação social" que inspirava um combate, infelizmente mais por meios autoritarios do que por meios democraticos, no sentido da construção de uma economia e de um Estado nacionais, e na construção de uma sociedade que, de algum modo, integrasse os "deserdados da terra". No Brasil das oligarquias pre'-30, onde o Estado de São Paulo era a região da federação que representava

⁴⁵-Touraine, pag. 512.

tanto o poder quando a modernidade, os oligarcas paulistas inventaram a frase: "São Paulo é a locomotiva que arrasta os outros vagões da federação". Esta imagem da poderosa oligarquia do café era, com toda a sua arrogância, uma forma de ligar o atraso e a modernidade, atribuindo a esta a liderança. Nos regimes de apartheid, é precisamente esta pretensão de hegemonia (Gramsci) que entra em duvida.

No caso de diversos países da America Latina, talvez se devesse falar de apartheid social (mais do que racial, que também tende a existir em alguns países) ou de um processo de evolução em tal sentido. A raiz disso deveria ser procurada tanto na crise económica quanto nas políticas com as quais o Estado vem reagindo à crise. As respostas dos governos à crise deixam claro que, nestes países, mesmo os grupos dominantes modernos parecem incapazes de solidarizar seus interesses particulares com os demais interesses que, em conjunto, formam as Nações às quais pertencem. Parece faltar-lhes uma visão geral da Nação. Quando têm alguma visão da Nação, esta limita-se, na verdade, a uma pequena parte da Nação real. Em alguns casos, é a mais moderna e a mais integrada aos circuitos económicos internacionais, mas em geral desligada dos "outros vagões da federação". Limitam a sua visão da Nação a criterios tão estritamente definidos pelo sistema internacional que, no limite, sua visão da Nação se torna inteiramente dispensável. Chegados a esse limite, os grupos dominantes mais modernos já não se vêm como parte da Nação mas como parte do mundo ou de um "bloco" internacional. Exemplo disso é o capital que se exclui a si proprio, migrando para o Norte, numa dramática descapitalização dos países da região.

Embora os aspectos relativos à exclusão sejam os mais dramáticos, não se pode deixar de ver o outro lado da moeda, precisamente o da democratização. Regimes "duais" não se sustentam sem uma tendência à participação. O Brasil talvez possa ser tido como um exemplo, não certamente o unico, de um extraordinario crescimento da capacidade de organização da sociedade civil e da capacidade de pressão no rumo da

participação. Multiplicam-se desde meados dos 60, as associações de trabalhadores, rurais e urbanos, as associações de classe média (analistas, médicos, professores, etc.), as associações empresariais e patronais, as instituições culturais, etc. Esta experiência de crescimento das organizações da sociedade civil é bem conhecida em países, como o Chile e o México, cujas políticas de incorporação ao sistema econômico internacional talvez tenham caminhado ainda mais rápido do que no Brasil. Nesses países, assiste-se, no bojo da crise, uma recomposição das organizações sociais. Mas mesmo um crescimento tão notável não pode impedir, no caso do Brasil, que, finalmente, a economia de suma se limite a 1/3 da população.⁴⁶ A situação de países como o México e o Chile não é muito diferente.

Este crescimento da capacidade de participação política e da capacidade de organização da sociedade civil significa, como já foi analisado, um crescimento das bases da democracia na América Latina. E por isso mesmo, um impulso para a modernização dos países da região. Mas também significa uma intensificação do "corporativismo" pelo qual cada pedaço da sociedade se agarra a seus interesses particulares em detrimento dos interesses da sociedade em geral. Em uma sociedade em crise, endividada e bancada, generalizam-se condutas ao estilo do "salve-se quem puder", cada vez mais violentas e exclusivistas. A capacidade que um grupo social qualquer demonstra para se organizar e para participar coincide com a sua capacidade para defender seus interesses. E, em muitos casos, isso é diretamente uma questão de sobrevivência.

O desenvolvimento da democracia depende, em grande medida, do modo como venham a se combinar estas tendências contraditórias de crescimento das bases da democracia política e de crescimento do corporativismo social. Se é certo que a capacidade de organização e de participação de cada grupo é uma medida da sua capacidade de sobreviver na sociedade, pode-se entender que não haveria de ser

⁴⁶Ver, de Helio Jaguaribe e outros, Brasil, 2.000, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 3ª Edição, 1986.

muito diferente para esta sociedade nacional no sistema internacional de que faz parte. Em uma economia internacional em reorganização e nas circunstâncias criadas pela crise, terão uma chance a mais de sobreviver os países que forem capazes de se organizar e de participar. Esta chance a mais talvez venha a ser a chance da democracia.

7 - DEMOCRACIA, DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO

Da época atual pode-se dizer algo de semelhante ao que Norbert Wiener diz da máquina (e do universo). "Estamos imersos numa vida em que o mundo, como um todo, obedece à segunda lei da Termodinâmica: a confusão aumenta e a ordem diminui". Supondo que assim seja, a pergunta é: o que fazer? Na sua cibernética, estranho termo que também já foi usado para "governo" e para "ciência política", Wiener diz que "mercê de sua capacidade de tomar decisões, (a máquina) pode produzir, à sua volta, uma zona de organização num mundo cuja tendência geral é deteriorar-se".⁴⁷ Transferido para a sociedade, este raciocínio conduz ao seguinte: o caos se combate tomando decisões, criando organizações, criando instituições. Combater a anomia é criar uma nova ordem legítima, um novo consenso, criar novas normas e aplicá-las.

Assim como revivemos no passado recente dos vários países da América Latina que fizeram a luta de resistência contra os regimes autoritários, as origens da democracia em geral, estamos hoje, na luta contra uma crise que nos leva até o limite do caos e da anomia, revivendo as origens da sociedade em geral. Eu prefiro acreditar que estamos em uma nova etapa do desenvolvimento do Estado Nacional, tão importante quanto terá sido a do século da Independência, a qual deu aos nossos Estados a sua primeira configuração. Mas se estamos em uma nova etapa de um processo, digamos "evolutivo", esta etapa não se apresenta como tal, mas como o caos que denuncia o fim de um Estado historicamente fracassado. E diante deste caos, o pesquisador se sente como os

47-Wiener, Norbert, Sociedade e Cibernética, Editora Cultrix, Rio de Janeiro, 1985, pag. 39.

primeiros estudiosos do Estado moderno, recomendando os princípios disso que viria a ser a política moderna para que os homens pudessem superar a insegurança própria do "estado de natureza". Do mesmo modo, poderíamos dizer (seria este certamente o ponto de vista de Marx) que a crise atual da América Latina tem que ser entendida como uma etapa de um processo de desenvolvimento da sociedade capitalista nesta parte do mundo. Ponto de vista provavelmente correto que, porém, não elimina o fato de que, em muitos dos nossos países, a crise é tão profunda que colocou em questão a existência das sociedades, pelo menos enquanto sociedades nacionais. Não por acaso a construção da democracia política, isto é do complexo de instituições através das quais se pode chegar a decisões legítimas, válidas para toda uma comunidade, é vista por muitos latinoamericanos como um caminho não só para a reconstrução do Estado como também para a reconstrução das sociedades nacionais. Ou, conforme o caso, para a construção de novas sociedades nacionais.

Nessa perspectiva, as relações entre democracia e modernidade, ou, se se quiser entre a consolidação da democracia e a integração da América Latina no mundo moderno, assumem um caráter decisivo. Desnecessário dizer que as diferentes acepções do conceito de integração não conflitam, necessariamente, umas com as outras. Pelo contrário, podem reforçar-se reciprocamente, a integração social, isto é a superação da divisão entre "integrados" e "excluídos"; a integração regional (ou sub-regional) visando superar obsoletas divisões entre Estados nacionais, criando condições para uma cooperação econômica de escala mais ampla, entre os países latinoamericanos; e, finalmente, a integração internacional, da América Latina às correntes dinâmicas do mundo moderno.

Mais importante é assinalar que assim como a modernidade não está assegurada para nenhum dos nossos países, a democracia não é, evidentemente, a única possibilidade desta época de crise em nossa história. Assim como o estancamento econômico empurra muitas partes da América Latina para a desagregação e para a

degenerescencia, existem também possibilidades de regressão ao autoritarismo e mesmo possibilidades que se não são de regressão, são de coisa ainda pior do que tudo que já vimos até aqui. Mas mesmo que se tenha que reconhecer como uma ingenuidade acreditar que a democracia esteja assegurada por qualquer lei inelutável da história e, além disso, mesmo que se reconheça que possam existir outros caminhos para recolocar a América Latina no caminho do desenvolvimento econômico, não creio que se possa negar que a democracia é o único caminho que pode levar os países latinoamericanos à modernidade.

Tudo isso pode parecer, e efetivamente é, muito geral. Mas creio que é preciso começar por aí a discussão sobre as relações entre democracia e modernidade no quadro de crise em que nos encontramos. A América Latina errada é a América Latina dividida, compartimentada em Estados nacionais que se vêm mostrando obsoletos em muitos aspectos. É a América Latina dual e excludente, marginalizada em relação a si própria e em relação ao mundo moderno.

Ha' lugar para alguma esperança? Eu creio que sim. Eu penso que aquilo que a história da América Latina tem de "evolutivo e faustico" é muito mais forte do que aquilo que ela também tem de entropico. Existe uma radical diferença de atitudes diante da modernidade entre os latinoamericanos e os homens que se agarram ao passado como a algo de sagrado. Neste sentido, eu me lembro de uma página exemplar de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, no Il Gattopardo. Conversando com um funcionário do Norte, o piemontes Aimone Chevalley di Monterzuolo, que lhe falava da necessidade de modernizar a Sicília, o velho príncipe Fabrizio Salina, representante das tradições do Sul, lhe diz que a Sicília já fora invadida várias vezes ao longo de dois mil anos e que ninguém conseguira mudá-la. E sabe por que? — pergunta o príncipe. Ele mesmo responde: é porque os sicilianos não querem melhorar. "Os sicilianos não desejarão nunca melhorar pela simples razão de que acreditam que são perfeitos. Sua vaidade é mais forte do que a sua miséria. Qualquer intromissão, se é de estrangeiros por sua

origem, se é de sicilianos por independência de espírito, transtorna seu delírio de perfeição atingida, arrisca-se a perturbar-lhes a comprazida espera do nada. Atropelados por uma dúzia de povos diferentes, eles crêem ter um passado imperial que lhes dá direito a suntuosos funerais. Julga realmente, Chevalley, que é o primeiro a querer canalizar a Sicília no fluxo da história universal?".

Eu creio que, felizmente, não existem muitos latino-americanos com a convicção que o príncipe Fabrizio atribui aos seus conterrâneos. A maioria dos latino-americanos quer fazer parte de uma civilização democrática e moderna. Por isso, creio, não lhes dói saber que, de algum modo, a América Latina está "errada". É que eles sabem que ela deve mudar.